

# A ADVERBIALIZAÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE DA ESPETACULARIDADE APONTADA NOS ESTUDOS DE ARMINDO BIÃO\*

Filipe Dias dos Santos Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo propõe uma reflexão acerca da espetacularidade, noção estudada pela etnocenologia, perspectiva disciplinar que se dedica à apreciação das Práticas e Comportamentos Humanos Espectaculares Organizados (PCHEO). Três categorias de análise dos fenômenos espetaculares, propostas por Armindo Bião, são abordadas: substantivamente, adjetivamente e adverbialmente espetacular. Dedicamos maior atenção às duas últimas categorias, as quais apresentam certa dificuldade de caracterização dos seus respectivos objetos, visto que se referem às práticas em que o espetacular, apesar de necessário, não se constitui uma finalidade. Ressalta-se a importância do estudo da categoria adverbial, não tratada pela vertente francesa da etnocenologia. Conclui-se que os estudos de Armindo Bião apontam uma adverbialização das três categorias por ele propostas, o que leva ao entendimento de que a espetacularidade pode ser atribuída às circunstâncias que dão especificidade aos comportamentos humanos, a partir do momento em que estes comportamentos se destinam ao olhar de um ou mais espectadores.

**Palavras-chaves:** etnocenologia, espetacularidade, adjectivamente espetacular, adverbialmente espetacular.

**ABSTRACT:** This article presents a study about the spectacularity, notion studied by ethnoscenology, disciplinary perspective that studies the Practices and Human Behaviour Spectacular Organized. Three categories about spectacularity analysis, proposals by Armindo Bião, are discussed: the substantive, adjectival and adverbial forms of the human spectacularity. We give more attention to the last two categories, which present problems to characterize their objects. In these forms, the spectacularity is necessary, but isn't a finality. We point out the importance of the study of the adverbial category, because it isn't studied by the French hillside of the ethnoscenology. We conclude that the Armindo Bião studies show us that the spectacularity could be understood how the circumstances that give specificity to human behavior, when these behaviors are directed to appreciation of others.

**Keywords:** ethnoscenology, spectacularity, adjectival spectacularity, adverbial spectacularity.

\* Comunicação apresentada no I Encontro Nacional de Etnocenologia, de 12 a 15 de abril de 2016, Salvador- Bahia.

<sup>1</sup> Ator, cantor, professor e pesquisador. Mestre em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia. Desenvolve pesquisa de doutorado em Artes Cênicas pelo mesmo programa. dss.filipe@gmail.com

O presente artigo é fruto e parte da dissertação de mestrado defendida por mim no ano de 2015 no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, a qual recebeu o título de “Preparar, rezar e sambar – a Reza de Brejões-BA sob a perspectiva da etnocenologia” (SILVA, 2015). A investigação se debruçava sobre uma manifestação cultural de cunho religioso que

acontece no Recôncavo Sul da Bahia, conhecida como Reza. Sob a orientação de Daniela Amoroso e com o apoio financeiro do CNPQ, pude me dedicar ao estudo da espetacularidade da manifestação, percebida sob diferentes pontos de vista: no preparar da manifestação, na celebração religiosa e na formação de uma roda de samba em frente ao altar. Nesse percurso, pude refletir um pouco sobre as categorias de análise do espetacular propostas por Armindo Bião – de maneira mais específica, as categorias dos objetos adverbialmente e adjetivamente espetaculares –, reflexões essas que compartilho neste artigo.

As manifestações culturais, como um todo, são interações humanas que podem ser estudadas em diversos campos do conhecimento. Minha condição de artista fez com que eu buscasse, dentro de minha área (as Artes Cênicas), uma perspectiva que me permitisse investigar a Reza de Brejões sob o ponto de vista do espetacular, apreciando as diversas formas de expressões artísticas que podem ser observadas no contexto da pesquisa.

A etnocologia apresenta-se como um campo do saber que possibilita esse tipo de pesquisa dentro das Artes Cênicas. Trata-se de uma perspectiva disciplinar que surgiu em 1995 com a publicação do Manifesto da Etnocologia, na França, como resultado de uma parceria entre a *Maison des Cultures du Monde* e do Laboratório Interdisciplinar de Práticas Espetaculares da Paris8-Saint Denis. Seu pilar epistemológico, à época, proposto como provisório, mantém-se até hoje como principal eixo norteador das pesquisas realizadas neste campo de estudo: as práticas e comportamentos humanos espetaculares organizados (PCHEO)<sup>2</sup>.

Segundo Jean-Marie Pradier (1998), as palavras "comportamento" e "práticas", constantes no pilar epistemológico, têm a intenção de sublinhar a dimensão corporal do fenômeno humano observa-

do, pois a disciplina tem como objeto o estudo de um ou mais indivíduos, considerando suas dimensões físicas, psíquicas, biológicas e espirituais, bem como seu entorno social.

Pradier acentua que o "espetacular" da etnocologia deve ser entendido sempre de forma adjetiva, visto que o termo "espetáculo" pode subentender um objeto que tem delimitações, como um objeto finito, enquanto o espetacular reside na intensidade sensorial do objeto com relação ao seu meio, bem como na relação estabelecida entre os indivíduos. O autor explicita que a intenção da disciplina é estudar as relações humanas no tocante à potencialidade de suas formas de expressão.

No entanto, Pradier acrescenta que o termo "organizado" dessas práticas "permite distingui-las das manifestações expressivas espontâneas" (PRADIER, 1998, p.10). Mais tarde, o autor reitera que devemos entender por espetacular "uma forma de ser, de se comportar, de se movimentar, de agir no espaço, de se emocionar, de falar, de cantar e de se enfeitar. Uma forma distinta das ações banais do cotidiano" (PRADIER, 1999, p.24).

Chérif Khaznadar (1999) relata que a opção pelo nome etnocologia ocorre na tentativa de desviar-se dos estudos que se concentrassem no campo do teatro, excluindo outras formas artísticas. Todavia, a escolha por um termo mais complexo (do que etnoteatrologia) proporciona assuntos para "elocubrações semiológicas" que, em certo ponto, pode incorrer no risco de desviar a discussão do objetivo inicial, a ponto de um universitário americano assimilar a disciplina às "divagações de dois mendigos embriagados no cais de um metrô" (KHAZNADAR, 1999, p.57), na época da publicação do manifesto.

Contudo, o rumo das discussões bem como a escolha pelo termo, convergiram num conceito de independência e de resistência à uniformização, ratificando ideais antietnocentristas na medida em que se afasta de padrões europeus e americanos.

A utilização do prefixo "etno" no nome da disciplina, conforme afirma Pradier (1998) não se destina ao estudo do "exótico" ou de formas expressivas esquecidas/minimizadas. Ao contrário:

ela obriga a relativizar as obras e práticas espetaculares ocidentais explicitando sua especificidade

<sup>2</sup> Segundo o professor Gilberto Icle, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em posicionamento proferido durante o I Encontro Nacional de Etnocologia, pesquisas recentes apontam a utilização da expressão "práticas performativas" como delineamento do campo dos estudos da etnocologia. No entanto, as PCHEO, como aponte, constituem, ainda hoje, a definição utilizada pela maioria dos pesquisadores no Brasil.



cultural. Assim agindo, o propósito desta disciplina é contribuir para um melhor conhecimento da natureza do homem, participando da teoria geral do "espetacular humano" (PRADIER, 1998, p. 12)

A ideia proposta de tentar contribuir no melhor conhecimento da natureza do homem, associada à sua forma de ser e de agir no espaço, ao mesmo tempo, indo de encontro aos preconceitos etnocentristas, deixa aberta uma lacuna quando exclui, desse processo, as formas de expressão cotidianas, fixando o campo de estudos apenas no "espetacular organizado".

As formas espetaculares cotidianas, deslocadas de um evento organizado para o olhar coletivo, podem revelar potencialidades artísticas que venham a contribuir com o entendimento "dos atores sociais" em situações de representação. A maneira de falar, de andar, de se emocionar e de trabalhar, em ações banais do cotidiano, pode proporcionar ao pesquisador ferramentas fundamentais para entender o desempenho corporal de um mesmo indivíduo em situação espetacular. Por exemplo: o gestual dos braços na hora de contar uma anedota pode revelar bastante a respeito do uso que uma sambadeira faz dos seus braços no momento em que ela assume o centro da roda de samba, dançando para o olhar de muitos outros.

Por outro lado, se a etnocenologia tem como um de seus objetivos contribuir para um melhor conhecimento da natureza humana, acredito que estudar as formas de expressão cotidianas torna-se fundamental para uma disciplina que tem como uma de suas premissas a interdisciplinaridade. Certamente, o olhar de um pesquisador artista sobre um comportamento humano pode manifestar nuances que pesquisadores de outras áreas poderiam não atentar.

O conhecimento que o artista das artes cênicas desenvolve acerca da expressão vocal e da expressão corporal, ao longo de sua formação, darão a este pesquisador um importante cabedal de investigação a partir de seu próprio corpo, ao tentar desvendar as técnicas usadas pelos sujeitos observados numa pesquisa de campo. Quais as técnicas corporais utilizadas para executar a ação de empunhar a enxada no trabalho rural? Qual a região da

caixa de ressonância corporal que um indivíduo faz uso ao impostar a voz para cantar, para gritar ou para contar uma piada? Os resultados obtidos na investigação do artista pesquisador podem ser colocados a serviço de outros campos de estudo, como a antropologia, a sociologia, a psicologia, a história, a comunicação etc. Afinal, "o que as etnociências podem ter como perspectiva comum é a busca da compreensão dos discursos dos diversos agrupamentos sociais sobre sua própria vida coletiva, inclusive e, talvez, principalmente, suas práticas corporais" (BIÃO, 2009, p.97).

Nesse debate, Armindo Bião (2009) propõe o estudo das formas cotidianas como uma das categorias de análise do espetacular, dando a elas o nome de expressões "adverbialmente espetaculares":

Tentamos defini-lo como as formas cotidianas que são repetidas rotineiramente num mesmo espaço, com pessoas caracterizadas em papéis sociais(educador/ educando, vendedor/ cliente, médico/ paciente, sacerdote/ fiel, transportador/ transportado, esportista/ transeunte/ banhista, etc.), reconhecíveis socialmente por seus figurinos, adereços e posturas corporais, por suas formas de expressão vocal e gestual, reveladoras de estados de consciência e de corpo, simultaneamente de teatralidade e espetacularidade, conforme definido acima. (BIÃO, 2009, p. 94)

Segundo o autor, o espetacular dos objetos de estudo das expressões adverbialmente espetaculares seria dado pelo olhar do pesquisador, um estudante ou um mero observador, provocados por uma espécie de estranhamento e conseqüente distanciamento. Essa categoria de estudo dos objetos não está prevista no manifesto da disciplina, não sendo tratada por teóricos como Jean-Marie Pradier e Chérif Khaznadar. Porém, ao abrir essa porta para novos estudos, Armindo Bião cria uma tonalidade brasileira para a etnocenologia.

Alexandra Dumas (2005) reflete que o espetacular, enquanto conceito de estudo da etnocenologia, encontra-se no eixo relacional entre pesquisador e objeto, excluindo deste, sua natureza fixa e incluindo-o como agente formador da percepção específica de cada pesquisador sobre a pesquisa. Tal relação, advinda de contatos culturais, é fato gerador de inúmeras particularidades que não de-



vem transformar-se em ações valorativas. Dumas pondera:

Quando Pradier conceitua espetacular, de certa forma, ele também considera o caráter de particularização de cada pesquisa, no sentido de pensar que os objetos e sua percepção passam pela relação e por uma via cultural. Se para identificar o que é comportamento espetacular o autor remete a uma oposição à ação banal, subentendendo-se que esta percepção e posterior conceituação passam pelo crivo cultural. O que parece espetacular ou banal numa determinada cultura pode não ser numa outra. Ou mesmo o que parece trivial para uma determinada pessoa pode ser espetacular para outra. (DUMAS, 2005, p.4)

Não seria estranho, então, que Armindo Bião, baiano, filho de uma mulher da Zona da Mata e de um homem do Agreste, "exposto desde criança através da vizinhança e da convivência com pessoas de diversas classes sociais a manifestações da cultura chamada afro-baianas" (BIÃO, 2009, p. 141), em contato com os comportamentos especulares vistos no dia a dia em Salvador, propusesse a categoria de estudo dos objetos adverbialmente espetaculares.

Sob esse ponto de vista, sinto-me seduzido a concordar com o posicionamento de Alexandra Dumas: a definição do espetacular entendida por Pradier como uma oposição a uma ação banal passa pelo crivo cultural dele próprio. Acredito que a etnocologia deva abranger, em seu campo de pesquisa, as estratégias de expressão utilizadas pelos indivíduos no momento em que ele se relaciona com o outro. Cabe ao pesquisador observar o entorno físico e social que compõe cada ação específica e justificar essa espetacularidade.

Eu tomo como exemplo a situação de alguém que se propõe a provocar o riso em situações corriqueiras do dia-a-dia. O professor Armindo Bião, entretanto, vai mais a fundo, exemplificando muitos outros papéis sociais em que existe uma distinção clara entre aquele que desempenha a ação e aquele que assiste (logo, uma situação relacional): "educador/ educando, vendedor/ cliente, médico/ paciente, sacerdote/ fiel, transportador/ transportado, esportista/ transeunte/ banhista, etc" (BIÃO, 2009, p.94).

Por mais banais que possam parecer, as ações cotidianas podem constituir o que Pradier connota como objeto da etnocologia: "um evento complexo que implica em um ou mais indivíduos considerados em sua inteireza biológica, física, espiritual e social" (PRADIER, 1998, p. 9). Dessa forma, acredito que, ao incluir as expressões adverbialmente espetaculares, estaremos, concomitantemente, fortalecendo a escolha pelo emprego do prefixo "etno", propondo-nos o exercício de "relativizar as obras e práticas espetaculares ocidentais explicitando sua especificidade cultural" (PRADIER, 1998, p.12).

Por outro lado, gostaria de sinalizar a discussão acerca da dificuldade percebida no que diz respeito à separação entre as categorias substantivamente, adjetivamente e adverbialmente espetacular anunciadas por Armindo Bião (2009), em função das tantas interfaces existentes entre elas; um exercício de discussão conceitual/teórica/prática que eu não seria capaz esgotá-la neste trabalho, ainda que esta fosse minha intenção.

Neste ponto, proponho visitar a conceituação dada pelo autor para os objetos adjetivamente espetaculares. Bião (2009) afirma que:

Também seriam objetos de interesse da etnocologia, o que denominei de ritos espetaculares, ou, dito de outra forma, aqueles fenômenos apenas adjetivamente espetaculares. Esses fenômenos [...] envolvem, em sua realização, também concreta e coletiva, formas sociais de representação, aparentadas às do teatro e às da ópera, por exemplo, formas de padrões corporais ritmados, como os compartilhados com a dança e a música cênica; formas de brincadeira comunitária; assim como certos folguedos, e formas de ações coletivas, envolvendo o prazer do testemunho do risco físico, como as artes circenses, por exemplo. É o campo dos rituais religiosos e políticos; dos festejos públicos; enfim dos ritos representativos ou comemorativos – na terminologia de Émile Durkheim. Nesse grupo de objetos, ser espetacular implicaria uma qualidade complementar, imprescindível, decerto, para sua conformação, mas não substantivamente essencial. (BIÃO, 2009, p. 52-53)

O delineamento dos objetos adjetivamente es-



petaculares proposto por Bião (2009) subentende um vasto universo de pesquisa: compreende uma gama de interações humanas em que existem "formas sociais de representação" (BIÃO, 2009, p.52). Nesses acontecimentos coletivos, o espetacular seria muito mais uma qualidade (ou característica) do que um objetivo principal, tais como, por exemplo, os tantos e diversos ritos cívicos e religiosos praticados de Norte a Sul do Brasil.

No que diz respeito à configuração desse objeto adjetivamente espetacular, gostaria de chamar atenção para alguns pontos mencionados por Bião, na citação acima. Em primeiro lugar, atento ao fato de que esta categoria refere-se aos fenômenos de realização concreta e coletiva, diferente dos objetos adverbialmente espetaculares, em que um único sujeito pode se tornar objeto de estudo pela sua espetacularização através do olhar do pesquisador.

O adverbialmente espetacular não exclui as relações interpessoais estabelecidas no cotidiano como professor/aluno, vendedor/cliente etc. de seu campo de estudos. Contudo, cria a possibilidade de um pesquisador estudar um único indivíduo. Na Bahia, especificamente em Salvador, é comum observar determinados comportamentos espetaculares em contextos cotidianos.

Nesse sentido, acredito que seja válido compartilhar uma experiência pessoal que evidencia o que está sendo sublinhado. Certa vez, eu estava distraído no ônibus quando um vendedor de balas de gengibre chamou minha atenção pela forma como se apresentou naquele ambiente. Era um rapaz de aproximadamente trinta e cinco anos. Não havia nada em suas roupas ou suas características físicas que pudessem chamar a atenção de alguém gratuitamente. Todavia, ele adentrou no ônibus entoando uma música com o ritmo que lembrava um samba, cuja letra nunca esqueci: "Olha, barato é / Só não compra quem não quer / Olha, barato é / Minha gengibre de mel é / Comprar por comprar / Compra em qualquer lugar / Mas se comprar na minha mão / Você vai me ajudar / Olha, barato é..."

Assim como esse rapaz do ônibus prendeu minha atenção, fazendo-me comprar suas balas de gengibre por adotar um comportamento espetacular que atraiu meu olhar, gerando certa admiração pela irreverência, muitas outras figuras podem ser encontradas nas ruas da capital baiana, algumas

delas já reconhecidas e estudadas<sup>3</sup> como Romilda Anunciação, vendedora de flores no Pelourinho, ou João do Camarão, vendedor de camarão na praia do Porto da Barra. No entanto, para efeito de estudo do adjetivamente espetacular, essas pessoas não se adequariam nesta categoria, visto que são indivíduos que, apesar de estarem inseridos em um contexto social, destacam-se muito mais por seus desempenhos individuais.

Essas pessoas podem até apresentar, em sua desenvoltura, padrões corporais ritmados ou certa imitação vocal que levem o seu interlocutor a compará-lo a um artista de dança, do teatro ou do circo, como mencionado por Bião, mas descontextualizadas de um rito espetacular específico, o que o descaracterizaria enquanto adjetivamente espetacular.

No fundo, este experimento de tentar entender as sutilezas que diferenciam as categorias passa pela busca de esclarecer, através de reflexões, aquilo que pode não estar tão bem delineado na observação da realidade social que nos rodeia. Se, numa situação fictícia, eu alocasse um dos indivíduos acima mencionados para um desfile cívico em comemoração à independência da Bahia, por exemplo, poderíamos estudá-lo enquanto adjetivamente espetacular, uma vez que este se encontraria no contexto concreto, coletivo, de representações sociais e pertencente a um rito comemorativo?

Não é minha intenção, nem pretensão, responder essa questão. Desejo tão somente provocar a reflexão acerca do quão delicadas são estas questões de delineamentos conceituais, sobretudo atentar para o seguinte fato: qualquer que seja o objeto de estudo, para a etnociologia, sua espetacularidade estará diretamente relacionada ao contexto pelo qual esse objeto está envolto, bem como ao olhar que o espectador estabelecerá (BIÃO, 2009).

<sup>3</sup> A esse respeito, ver: ARAÚJO, Fábio C. Lobato. "Palhaços de rua": Transcorpografia na performance de dois vendedores de rua em Salvador. 2006. 210f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/9615/1/DissertacaoComSeg.pdf> Acesso: 20/03/2015

Ainda assim, penso que objetos de estudo compreendidos entre as classes gramaticais do substantivo e do adjetivo apresentem uma aproximação maior, se comparados ao estudo do adverbialmente espetacular. Aliás, essa preocupação já foi apontada por Bião (2009, p. 53). Enquanto os dois primeiros encontram-se relacionados a situações em que existe uma distinção mais clara entre, metaforicamente, artistas e espectadores, em acontecimentos pensados, realizados por uma coletividade para o olhar de muitos outros; no terceiro, essa relação encontra-se mais difusa, ligada ao dia a dia e a comportamentos individuais que sobressaltam a determinadas situações.

O substantivo e o adjetivo, sob o ponto de vista morfológico, muitas vezes se confundem pelas flexões de gênero e número às quais estão sujeitos. Por exemplo: se eu expuser as palavras "fiel" e "baiano" (escolhidas de forma aleatória) deslocadas de um contexto, ficará difícil perceber qual delas exerce a função de substantivo ou adjetivo. Mas, se eu digo: "o baiano fiel" ou "o fiel baiano", estará evidente qual palavra está modificando o ser (característica sintática do adjetivo); no primeiro caso, baiano funciona como substantivo, já no segundo, fiel exerce esta função.

Algo parecido ocorre com a categorização etnológica dos objetos sugerida por Bião (2009). Inicialmente, o autor propôs as três categorias como formas cotidianas, ritos espetaculares e artes do espetáculo, atribuindo a elas, mais tarde, as classes gramaticais de advérbio, adjetivo e substantivo, respectivamente (BIÃO, 2009, p. 51). Enquanto as formas cotidianas ocupam um lugar mais ou menos distinto das outras duas categorias, os ritos espetaculares e as artes do espetáculo podem, em algum momento, confundirem-se com maior facilidade.

É certo que distinguir, de modo perfeito, esses dois primeiros grupos, um de objetos substantivamente espetaculares e outro de objetos adjetivamente espetaculares, é um exercício teórico-conceitual complexo e delicado. No entanto, consideremos, como é hábito na construção epistemológica, e mesmo na comunicação humana mais comzinha, poder distinguir, desde um ponto de vista apenas teórico, esses dois

grandes grupos e admitir a possibilidade de interfaces, de cruzamentos e de transgressões de fronteira, e, sempre que assim for o caso, nomear e descrever esse pertencimento, talvez duplo, ou não claramente uno. (BIÃO, 2009, p. 53)

A sugestão do autor de pensar nesse duplo pertencimento poderia, em um primeiro momento, sanar a preocupação de não situar um objeto exclusivamente em uma dessas categorias. Apesar disso, um pouco antes, ao versar sobre o que seriam as artes do espetáculo, compreendidas por substantivamente espetaculares, Bião (2009) expande a abrangência do termo:

Nessas artes, não estão considerados somente o teatro, a dança, o circo, a ópera, o happening e a performance, mas, sim, também, outras práticas e comportamentos humanos espetaculares organizados, dentre os quais alguns rituais, os fenômenos sociais extraordinários e, até, as formas de vida cotidiana, quando pensadas enquanto fenômenos espetaculares. (BIÃO, 2009, p. 47)

Se as formas da vida cotidiana, porque pensadas enquanto fenômenos espetaculares, puderem ser consideradas como artes do espetáculo, estará criada a possibilidade de um triplo pertencimento, ou não claramente duplo. Para Bião (2009) a espetacularização daquilo que é visto em cena passa pelo crivo do espectador em definir os limites tão tênues entre o cotidiano e o extracotidiano. Dessa relação, ainda segundo ele, surgiria uma tensão que "caracteriza todas as práticas espetaculares, constituindo-se terreno propício para os conflitos que promovem e provocam a ação" (BIÃO, 2009, p. 124).

Ou seja, quanto mais tentarmos esmiuçar essas categorias, perceberemos que elas possuem um denominador comum que poderia ser entendido como o gerador das tensões: o olhar do espectador que espetaculariza determinado acontecimento, definindo o que seria cotidiano ou extracotidiano. Nesse sentido, Daniela Amoroso é assertiva em sua sinalização: "De qualquer maneira, é o olhar de quem assiste que revela o quão espetacular é uma prática" (2010, p. 3).

A título de conclusão, gostaria de propor mais uma interrogação para que a categorização proposta por Bião continue sendo discutida, repensada,



revivida e atualizada. Quando o professor faz uso de três classes gramaticais para nomear essas categorias, adiciona a elas, em certos momentos, o sufixo "mente": adverbialmente, adjetivamente e substantivamente.

Ora, o sufixo "mente", na Língua Portuguesa, é o responsável pela formação de advérbio. Sendo, na verdade, o único sufixo que exerce essa função de adverbializar um adjetivo. O advérbio, por sua vez, tem por função explicitar uma circunstância em que determinada ação ocorreu, dando maior especificidade à ação verbal.

Isso me faz pensar que essas categorias têm por objetivo exprimir uma circunstância espetacular de determinado movimento social, seja ele substantivo (como algo que se denomina e/ou se entende espetacular), adjetivo (tendo o espetacular como uma característica, não como uma finalidade) ou advérbio (em que o espetacular seria uma especificidade de uma circunstância).

Dessa forma, deixo uma pergunta no ar: seria o espetacular uma circunstância que dá especificidade às interações humanas? Acredito que caiba a cada pesquisador responder a essa pergunta com o olhar que irá dedicar aos seus objetos, que são tantos e diversos, espetacularizando-os. Afinal, conforme Jean-Marie Pradier (1999, p. 28), "Existem tantas práticas espetaculares no mundo que se pode razoavelmente supor que o espetacular, tanto quanto a língua e talvez a religião, sejam traços específicos da espécie humana".

#### Referências Bibliográficas:

- AMOROSO, Daniela Maria. *Etnocenologia: conceitos e métodos a partir de um estudo sobre o samba de roda do Recôncavo baiano*. In: CONGRESSO DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS, 6, 2010, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre, 2010.
- ARAÚJO, Fábio C. Lobato. *"Palhaços de rua": Transcorpografia na performance de dois vendedores de rua em Salvador*. 2006. 210f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- BIÃO, Armindo. *Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos*. Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Etnocenologia, uma introdução*. In: BIÃO, A.; GREINER, C. (Org.). *Etnocenologia: textos selecionados*. São Paulo: Annablume, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Teatro de Cordel: peças e ensaios*. Salvador: P55 Edições, 2012.
- DUMAS, Alexandra Gouvea. *Etnocenologia e comportamentos espetaculares: desejo, necessidade e vontade*. In: CONGRESSO DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS, 6, 2010, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre, 2010.
- DUVIGNAUD, Jean. *Uma Nova Pista*. BIÃO, A.; GREINER, C. (Org.). *Etnocenologia: textos selecionados*. São Paulo: Annablume, 1999.
- KHAZNADAR, Chérif. *Contribuição para uma definição do conceito de etnocenologia*. In: BIÃO, A.; GREINER, C. (Org.). *Etnocenologia: textos selecionados*. São Paulo: Annablume, 1999.
- PRADIER, Jean-Marie. *"Ethnoscénologie: la profondeur des émergences"*. In: *La Scène et la Terre: questions d'ethnoscénologie*. Maison des cultures du monde, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Etnocenologia*. In: BIÃO, A.; GREINER, C. (Org.). *Etnocenologia: textos selecionados*. São Paulo: Annablume, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Etnocenologia: a carne do espírito*. In: *Repertório Teatro e Dança*. Ano 1. Nº 1. Salvador. Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas, 1998.
- \_\_\_\_\_. *"Ethnoscénologie, manifeste"*. Théâtre-Public 123. Paris: maio-junho 1995, p. 46-8. Manifesto lançado para o Colóquio de Fundação da Etnocenologia, publicado parcialmente em português em *Performáticos, Performance e Sociedade*, Brasília, publicado pelo grupo TRANSE - Núcleo de Estudos Transdisciplinares sobre a Performance da UNB, em 1996.
- SILVA, Filipe Dias dos Santos. *Preparar, rezar e sambar: a Reza de Brejões sob a perspectiva da etnocenologia*. 2015. 205f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Escola de Teatro e Escola da Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

